

LADRÕES DE BICICLETAS

LUIGI BARTOLINI

Traduzido do original italiano por **José Serra**



Estamos nos arredores do Campo de' Fiori, covil de ladrões antigos e novos, os novos multiplicados por cem. Via dei Baullari, Via dei Coronari, Vicolo del Cinque: é aí que estão os covis, as casas, as tabernas, os bares, as lojas, os depósitos, os bordéis e os receptadores dos ladrões. Fui à Piazza del Monte tentar recuperar a minha bela bicicleta perdida ontem. Perdida, não, foi-me quase arrancada das mãos por um ladrão à entrada de uma loja de ferramentas de sapateiro. Precisava de graxa preta para sapatos. Procurei-a em vão nas lojas da Via della Scrofa; depois, na Piazza Navona, tive a desgraçada ideia de perguntar a um vendedor de sementes de vegetais e de plantinhas de hortaliça onde, em que armazém ou venda, poderia encontrar uma lata de graxa para sapatos. Indicou-me a Via dei Baullari. Um pressentimento aconselhava-me que não fosse lá. Mas tinha pressa e precisão e, assim, fui. Atrás do balcão, o tosco vendedor respondeu-me que, graxa preta, tinha, mas que o meu pedir ali à soleira da porta não era o melhor dos modos.

«Entre! Quer que o avie aí?»

E assim, entrei, encostando a bicicleta à vitrina. Mal dei dois passos em direcção ao vendedor e logo um focinho de ladrão se apresentou, do outro lado do vidro, na rua, a observar a bicicleta. Evidentemente, para se certificar de que não estava presa com cadeado. Nem tive tempo para dizer ao comerciante. «Espere um momento! Este focinho de gatuno aqui não me agrada nada!», que o ladrão (um jovem macilento, mal vestido, sem gravata, de cabelo à escovinha, cortado como o cortam na cadeia os guardas barbeiros com uma maquina de tosquiar) agarrou na bicicleta, montou nela e desatou a fugir. «Roubaram-me a bicicleta!», gritei, enquanto corria para fora da venda atrás do ladrão. Mas duas ou três pessoas puseram-se à minha frente para me deterem, eram os cúmplices, que me asseguram que o ladrão vai ser apanhado. E, aliás, um deles até grita: «Já o agarraram! Já o agarraram!». Mas não era verdade. O ladrão, montado na bicicleta, seguido por outros dois cúmplices que fingiam persegui-lo, pedalava em direcção ao Corso Vittorio Emanuele. Continuei a gritar: «Agarra que é ladrão! Agarrem-no!», mas ninguém o agarrou. Mas dois ou três ciclistas (também cúmplices) fingiram ir no seu encalce, de maneira que muita gente que passava deixou livre-trânsito ao grupo de ciclistas. Gritei até não poder mais. Um dos comparsas correu atrás de um ciclista. Alcançou-o. Deteve-o e, a pé, trouxe-o

até mim. «É a sua bicicleta?», perguntou o comparsa ladrão. Não era a minha bicicleta. Mas não lhe consegui pedir a identificação, pois fingiu sentir-se ofendido e começou a protestar. E tive de o deixar ir. Mas não o teria largado se, à minha volta, na alameda, tivesse vislumbrado um sinaleiro dos antigos, um guarda municipal dos antigos. Mas onde encontrar um polícia nos dias anárquicos que correm? Outras pessoas – que se foram juntando em redor – aconselhavam que fizesse queixa na esquadra de... Mas ou eram pessoas ingênuas ou outros cúmplices: pela minha parte, sei bem quão inútil é, há algum tempo, há mais de um ano, fazer queixa nas esquadras; e inutilíssima perda de tempo apresentar um relatório escrito sobre o sucedido. É inútil. Se os polícias não encontrarem maneira de trocar e de vos fazerem passar por imbecis, há que agradecer a Deus. E no que toca a ajudar-vos nas buscas ao ladrão, como seria seu dever e ofício, eis o que respondem: «Temos tantos ladrões para procurar! A cadeia Regina Coeli está cheia deles! O que se há-de fazer? Desenrasquem-se». Ou, pelo contrário, dizem: «Faremos o nosso melhor; entretanto, deixem-nos o vosso número de telefone...» Dito isto, não fizeram mais do que fazer-vos perder tempo. Podem ter a certeza de que nenhum agente irá à procura da vossa bicicleta e do ladrão.

Quem me roubou a bicicleta – uma bicicleta de alumínio, bela, ligeira, cinco quilos de peso, pneus seminovos, câmaras de ar recém-furadas, a da frente uma vez, a de trás duas, guiador de corrida, cestinho, bomba de alumínio – deve ser um jovem ladrão saído da Regina Coeli no outro dia; ou, melhor dizendo, evadido no outro dia durante o tumulto do último incêndio contra não sei qual ala do edifício dos detidos. Ele, evadido durante a confusão, deve ter pensado que a sua única safã fosse a de recomeçar novamente a roubar. Certo, roubou-me com um atrevimento clássico. Não teve medo de estar no meio de muita gente. Organizou perfeitamente a sua operação. Outras pessoas me rodearam aconselhando-me (mas eu tomara na mesma a iniciativa) que me dirigisse de imediato à Piazza del Monte, pois é lá que fica o principal covil, o receptáculo de toda a ladroagem.

A praça está cheia de manhã à noite – digo cheia ao ponto de não se conseguir circular senão com dificuldade – de ladrões de todas as categorias, de todos os quadrantes, de todos os géneros por cada objecto: ladrões de panos, perneiras, sapatos, fios eléctricos e lâmpadas, ladrões, até, de escovas de dentes e de perfumes. Ladrões de navalhas de barbear e ladrões de lâminas. Ladrões de remendos de câmara de ar. Ladrões de relógios e, sobretudo, ladrões de bicicletas. Se de bicicletas estão literalmente fornecidos os em tempos abarrotados armazéns e lojas da Via delle

Colonnate ou da Piazza Quadrata, da Piazza Fiume (a loja Lazzaretti), da Piazza Vittorio Emanuele, do mesmo modo, a Piazza del Monte está a abarrotar de bicicletas novinhas em folha, assim como de bicicletas velhas e velhíssimas. Encontram-se aí as novíssimas *Bianchi*, último modelo, com farolins em arco. Só pelo farolim pedem três mil liras. Pedem duas mil e novecentas por um pneu tamanho vinte e oito e três quartos, e três mil e duzentas liras por um pneu tamanho vinte e oito e cinco oitavos. Por uma câmara de ar (que, de resto, já tem alguns remendos) pedem mil e seiscentas liras. Vêem-se gatunos a trazerem, como bandoleiras cruzadas sobre os ombros e o peito, molhos de câmaras de ar, dezenas e dezenas de pneus. Outros ladrões estendem no chão, nos cantos extremos da praça, uma manta imunda e, por cima, espalham peças de substituição de bicicletas roubadas e desmontadas. É bom que se saiba que a primeira coisa que os ladrões fazem é desmontar uma bicicleta ou camuflá-la.

Desmontam-na se acham que as suas peças podem ser reconhecidas; e são-no aquelas que têm quadros velhos com rodas novas, guiadores excêntricos, pinturas especiais, e não de série. Acham então que é conveniente desmontar as peças e vendê-las uma a uma: hoje o guiador, amanhã os aros das rodas, depois de amanhã os pedais, de seguida o farolim. Mas às vezes desmontam o farolim e vendem, em separado, o dínamo e o farolim propriamente dito. Camuflam-nas,

ao invés, quando se trata de bicicletas quase novas e sem apetrechos. Nesses casos, basta limar a parte onde estão gravadas as letras do número de série do veículo. E basta tirar o pára-lamas, ou trocar um travão, ou trocar o guiador de maneira a tornar irreconhecível uma bicicleta. São ladrões! Um bem vestido, outro mal vestido. O mal vestido dá mais nas vistas ao profano que o vê parado, como um poste, encostado, com o rabo, ao tubo horizontal do quadro da bicicleta, que vale dez ou cem vezes mais do que a sua figura obscura quando comparada com o preço da carne para canhão.

Gosto mais de observar os ladrões janotas. Homens que não parecem ladrões. Parecem, aliás, contabilistas ministeriais; ou, no menos mau dos casos, jovens empregados de loja, jovens porteiros: de cabelos cheios de brilhantina ou bem humedecidos e bem cortados e bem penteados, de camisa à moda, limpa, engomada, de relógio no pulso e sapatos à americana. Os olhos são sobretudo acinzentados. O nariz adunco. Possuo uma faculdade especial para distinguir, a partir da aparência, aquilo que uma pessoa é e também aquilo que provavelmente pensa. Ainda assim, há ladrões tão bem arranjados que parecem cavalheiros e me enganam também a mim. Não só me enganam a mim como também enganam os outros ladrões: pois não está escrito que o ladrão conheça todos os outros ladrões, e que todos os frequentadores da Piazza del

Monte pertençam ao mesmo bando. Existem, aliás, diferentes bandos como, por exemplo, o bando dos bordéis da Via del Panico.

Podem encontrá-lo, melhor dizendo, poderiam tê-lo encontrado até ontem (até quando os anglo-americanos, em homenagem aos seus costumes puritanos não mandaram, em Roma, encerrar todas as casas de prostituição) nos dois bordéis da Via del Teatro della Pace, ou naquele, em grande escala, situado no fundo do Vicolo del Pellegrino ou noutro (que julgo que esteja na Via della Campanella) a caminho do famoso Panico. Encontram-nos, nas últimas horas, estes amigos do alheio, que vão passar as horas da noite com rameiras e se deixam ficar nas camas imundas (já pisadas por tantos sapatos de clientes diurnos e habituais) até às horas do amanhecer. Depois, pela manhã, despertam: a meretriz ainda dorme, um sono ligeiro, e deita um fio de baba pela boca nojenta, a feder a tabaco, a Baco e a Vénus; mas o amigo do alheio passa as horas da manhã de olhos abertos, entre as seis e as sete, a congeminar os golpes de ladroagem. Depois, sai, ou melhor dizendo, saía do bordel. Bem aprumado, bem penteado, saía do bordel para ir assaltar alguém ou então para ir vender o objecto do assalto já feito, na Piazza del Monte. Canalha humana que nunca trabalhou! Chegou à idade de arranjar mulher, de ter uma família, de montar um negócio, mas não pensa nisso,

nunca pensou. Criou-se nas vielas de Roma como as urtigas se criam nas vielas das aldeias da província, ou as violetas em cacho nos cemitérios e as plantas trepadeiras e parasitas. Nunca consideraram, os ladrões, quão menos cansativo é trabalhar honestamente. Decerto não se dão conta da trabalhadeira que têm. Ficar de atalaia, na Piazza del Paradiso, próxima do Campo de' Fiori, atentos à voz, ao sinal do cúmplice, atentos ao assobio convencional, enquanto enrolam um cigarro com os dedos, não é cansativo para eles. E da facto não é um cansaço duro. É um cansaço vil. Mas não deixa de ser cansaço.

Para mim, seria cansativamente insuportável fazer de sentinela cúmplice. Preferia estar à secretária seis horas consecutivas, sem levantar a caneta da folha, do que estar um só quarto de hora a entediar-me a fazer de sentinela. Eles, ao invés, cansam-se de bom grado a fazer de sentinelas: ostentam indiferença, como se recitassem um papel; fazem-no para não dar nas vistas de quem passa. Mas a coisa engraçada – aliás, a coisa má, malíssima – é que as pessoas de bem, ou os cidadãos, os quais, por morarem ou terem loja, estão nas ruas dos ladrões ou por elas passam e repassam várias vezes ao dia, acabam, mesmo sem querer, por tolerar os ladrões e deixam-nos roubar, assaltar o próximo. Nem mais! Ide, de facto, perguntar, por exemplo, a algum taberneiro. Os taberneiros conhecem os ladrões

um por um. Conhecem-nos, mas em parte temem-nos (o que é plausível ou explicável) e em parte (isto já parece estranho e inexplicável) favorecem-nos. Chega-se ao paradoxo de os barbeiros, os taberneiros, os comerciantes (alguns, não todos) sentirem uma certa simpatia, um certo sentido de comparação, uma certa, quase diria, adoração para com os ladrões. E não quero exagerar ao recordar que os primitivos Romanos não foram mais do que simpáticos ladrões. Ladrões de Sabinas, mas ainda assim ladrões. Mas deixemos estar, deixemos a história de Roma: um dia hei-de eu escrever uma, verídica, cheia de humor. O que é certo – regressando ao silêncio cúmplice inaudito, inaudível, de que sempre gozaram, em Roma, e gozam, os ladrões – é que se alguém, depois de perdida a bicicleta, ou melhor dizendo, depois de ter sido roubado do seu cavalo de ferro e de borracha, começa a enfurecer-se, a queixar-se, ou mais simplesmente a gesticular com impaciência, o cocheiro, o motorista, o taberneiro, o comerciante, o barbeiro riem-se nas suas costas, e se não se apressar a sair dali tornam-se agressivos e começam a usar um tom arrogante e até insultuoso. É de agradecer a Deus, nesses casos, se apenas lhe chamarem idiota.

Entretanto, burlando e gozando, quem passa incólume, quem sai ileso do golpe de ladroagem é o pobre ladrão. É o «caro ladrão», como dizia Verlaine.